

Histórias de Um Novo Mundo - Vida

Capítulo 8 – Consequências

I

Aqueles poucos minutos que Brian gastou rodeando o castelo ajudaram-no a conseguir um certo controle próprio que ele julgava perdido. Mas, afinal de contas, quem poderia se controlar numa situação como essa? Brian Makoto tinha uma desvantagem em relação a Michael, pois seu irmão tinha Carol, com quem sempre podia contar para relaxar a cabeça; Brian, no entanto, não tinha vínculos na Fundação Levine, nem mesmo com os outros membros do grupo de kendo.

Dessa forma, mantendo-se solitário, Brian tentava relaxar andando em volta do castelo. Tal hábito já havia lhe rendido alguns comentários impróprios por parte de seus colegas da fundação, mas ele não se importava de nenhuma maneira com o que era dito sobre ele. Brian aproveitava tais momentos para refletir sobre o que parecia conveniente.

Era, pois, andando em torno do castelo que o rapaz se encontrava neste exato momento. Ele acabara de sair do quarto e deixado seu irmão Michael para trás. Estava verdadeiramente abalado com toda a situação em que seu pai poderia estar envolvido. Antes mesmo que Satoshi Makoto, Joseph Marinville e Carlin Adams iniciassem a viagem para New York, Brian já estava rondando o castelo. Ele estava completando a primeira volta, o avião no qual seu pai viajava já havia partido e ele podia jurar que viu Michael passar correndo do jardim principal para o restaurante.

Brian continuou. Já estava mais calmo agora. No jardim principal estavam sentadas 7 pessoas que conversavam sobre algo. Ele não lhes deu atenção, estava focado em seus pensamentos e tudo o que acontecia ao seu redor era deixado de lado por sua mente. Seria preciso um evento extraordinário para trazê-lo ao mundo real. Por pura coincidência, um evento extraordinário estava para acontecer naquele instante.

O som de um grande impacto entre metais foi acompanhado do estilhaçar de vidro. Vidro que caía por todo o chão rochoso que cercava o prédio dos dormitórios. Isso chamou a atenção de Brian. Contudo, apenas quando Alexander Dolton caiu sobre o chão como se fora arremessado pela janela de um dos quartos acima, apenas quando essa visão preencheu os olhos de Brian, foi nesse momento que o jovem voltou ao mundo real por completo.

A próxima coisa que o rapaz viu foi o próprio irmão sair pela janela estilhaçada. Era clara como o dia a intenção de Michael de avançar para cima de Dolton, que estava desajeitadamente sentado no lugar em que caiu. Richard Bent vinha em seguida pela janela, estava no encalço de Michael com toda a certeza.

Não era preciso ver mais. Brian já se punha em direção ao irmão. Michael estava sendo confrontado por Bent, que o alcançara. Dolton não se mexeu, permanecia no local onde caíra. Brian diria que ele estava em choque, mas não tinha como ter certeza. Além disso, sua preocupação estava voltada para Michael, que tinha Richard Bent tentando lhe golpear a todo custo.

Os acontecimentos se seguiram tão rápido que Brian se viu avançando em direção àquela cena estranha, mas um outro jovem estava bem à frente. Não conseguia lembrar o nome dele, mas era um dos que fazia parte do grupo de Dolton. Brian, pois, não perdeu um segundo a mais e, sem pensar no assunto, lhe desferiu um golpe com sua espada de madeira que atingiu a cabeça do pobre jovem. O rapaz caiu desacordado junto aos resquícios de grama que existiam no solo um pouco mais afastado do prédio e próximo do jardim. Brian o deixou para trás.

Brian aproximou-se dos rapazes que lutavam intensamente. Parecia que nenhum dos dois dava pela presença de Brian ali, tal era a concentração de ambos.

Brian Makoto parou. Hesitou em interferir na luta. Ele bem sabia que Richard Bent era um dos melhores – talvez o melhor – em lutas individuais dentre os jovens da fundação. Sua aura, Brian pôde ver, era bem maior que a de Michael. Seu irmão estava em desvantagem total, Brian sabia, mas viu algo mais naquela cena, algo que o fez hesitar: Michael transferia a aura de um membro para outro numa velocidade muito maior que aquela alcançada por Bent. Com isso, Michael podia igualar o combate, fazendo com que a quantidade de aura no membro que usava para atacar ou defender fosse quase a mesma que Bent aplicava em seus golpes. Contanto que Michael pudesse evitar que seu oponente o atacasse com mais de um membro simultaneamente, ele poderia manter a luta. E Michael Makoto era experiente em evitar ataques.

Michael praticou com Brian durante toda a vida e Brian sempre podia usar uma espada de madeira nos treinos. Para evitar a desvantagem de ser golpeado pela madeira, Michael adaptou-se a lutar de uma distância que a espada não lhe alcançasse, além de ter aprimorado sua capacidade de atingir as mãos de Brian que portavam a espada, para que pudesse evitar os golpes desferidos com a arma. As pernas de Michael eram longas desde que conseguia lembrar, e isso lhe rendeu o necessário para desenvolver um estilo próprio de luta a distância que impedia a espada de Brian de o alcançar além da perna.

Com o passar do tempo, Michael Makoto adaptou-se a isso de uma forma tal que Brian nunca mais conseguiu atingi-lo em cheio com a espada. Richard Bent passava pelo mesmo aperto que Brian nesse exato momento. Ele não conseguia acertar nem um só golpe em cheio em Michael. Seus únicos êxitos, não por coincidência, foram as vezes em que atacou com socos ou chutes que detinham pouca quantidade de aura.

A luta estava equilibrada e assim permaneceria, mas não por muito tempo. Brian sabia que aquelas transferências de aura de um membro para outro que chegavam a quase 100% da aura emitida, elas consumiriam a aura de Michael rapidamente. Por ter uma aura consideravelmente maior, Bent suportaria mais tempo. A luta precisava acabar depressa, essa era a única possibilidade de vitória para Michael.

Quando Brian pensou em avançar, finalmente percebeu as mais de 15 pessoas que observavam o espetáculo. Christian Levine estava entre eles, além de mais 2 outros que também faziam parte do grupo de Dolton. Eles não tentaram fazer nada porque Brian estava entre eles e a luta, mas no momento em que Brian Makoto avançasse, alguns deles avançariam também.

Brian não teve opção senão manter a guarda para que ninguém interferisse. Contudo, sua mente não tardou a perceber que existiam outros meios de fazer com que aquela luta acabasse. Ele nem mesmo precisou agir para tanto. Neville Trusten estava chegando ao local naquele exato momento para ver o que acontecia.

– Parem com isso agora mesmo! – trovejou, e ao som de sua voz, todos ficaram imóveis, inclusive os dois jovens que travavam o tão assistido duelo.

Um silêncio sepulcral se fez. À medida que Neville Trusten seguia para aproximar-se de Michael e Bent, as pessoas ao fundo começaram a cochichar umas com as outras.

Trusten avançou. Não fez mais que fitar Brian enquanto passava pelo rapaz. Chegou, pois, junto dos dois jovens e parou. Olhou rapidamente para Dolton, que ainda estava ao chão. Olhando, então, para os dois jovens de pé, disse secamente:

– Vocês dois, venham comigo. E você também, Brian Makoto – disse olhando para trás. Aos demais – e gritou ao falar isso –, quero apenas que Christian vá rapidamente chamar a senhorita Rodrigues e diga que há dois jovens aqui que precisam de atenção urgente. Os demais não têm o que fazer aqui, podem ir embora.

Olhou de novo para Brian e passou os olhos em direção a Michael e Richard.

– Venham comigo agora.

Não foi preciso repetir. Os três já estavam mudos e seguiam Trusten ao seu escritório no primeiro andar do castelo.

II

– Sentem-se vocês três – ordenou Trusten aos jovens que acabavam de entrar em seu escritório.

Sem nenhuma demora, os três rapazes sentaram nas primeiras cadeiras que puderam tocar. Neville Trusten, por sua vez, sentou-se em seu lugar atrás de sua mesa e prestou atenção nos três jovens, com uma pausa maior em Michael.

Atrás de Trusten ficava uma grande janela, semelhante à janela do escritório de Sir Ektor. De fato, aquele cômodo ficava exatamente acima do escritório de Sir Ektor e tinha dimensões quase idênticas, mas com a distribuição dos móveis feita de outra maneira – além de serem usados móveis diferentes, mas de qualidade tão boa quanto. Michael estava olhando pela janela atrás de Trusten enquanto aquele homem o estudava. Michael não aparentava muita preocupação com nada daquilo.

– O que aconteceu? – a pergunta saiu da boca de Trusten de uma maneira tão calma que os jovens rapazes não entenderiam jamais que aquelas palavras carregavam uma ordem; porém, dada a situação, eles compreenderam sem tardar.

– Michael atacou Alexander, senhor – disse Richard Bent imediatamente –, e eu entrei na briga pra proteger ele.

– Até onde conheço o jovem Dolton e o Makoto aqui, eu nunca pensaria que Alexander precisasse de sua ajuda num duelo entre eles, Bent – respondeu Trusten sem emoção no falar.

– Mas, senhor – recorreu Bent –, Michael usou algum truque sujo! Ele lançou Alex pela janela do quarto e foi pra cima dele! Se não fosse por mim...

Brian e Michael continuaram calados e sem demonstrar reação quanto às palavras de Bent. Apenas quando Trusten os indagou diretamente que Richard calou-se, por fim, e os jovens Makoto falaram. Brian foi o primeiro indagado.

– Eu também não sei bem o que aconteceu, senhor. Eu estava andando um pouco e vi, ou melhor, ouvi, quando uma janela quebrou e Alexander foi jogado no chão. Michael veio em seguida e Richard logo depois.

– Viu só, senhor Trusten?! – interrompeu-o Bent.

Ao olhar desafiador daquele homem, Richard calou-se de súbito.

– Continue, Makoto – disse Trusten.

– Quando isso aconteceu, senhor, e os três já estavam no chão, vi Michael tentar avançar contra Alexander, mas quando ele percebeu que Richard estava atrás dele e ia alcançá-lo, ele parou e o enfrentou de frente. Eu fiquei lá, impedindo que alguém tentasse interferir na luta, pois vi alguns amigos de Alexander no meio da multidão.

– Está esquecendo de dizer que, no processo, você nocauteou um de seus companheiros. Ele ainda estava desacordado quando eu cheguei. Bem próximo aos seus pés, Makoto.

– É verdade – confirmou Brian, enquanto baixava a cabeça como sentindo vergonha.

Trusten esqueceu-se de Brian e voltou-se para Michael.

– Bem, Michael Makoto. Sua vez. Esclareça a história. Por que atacou Alexander Dolton?

Michael finalmente olhou diretamente para Trusten. Pareceu-lhe melhor não ocultar nada. Afinal, ele descobriria mais cedo ou mais tarde e, ainda que Dolton fizesse algo, em que isso iria aumentar a punição? Não, Michael julgou melhor contar toda a história. Começou contando como foi barrado e proibido de entrar na festa da piscina – “isso não me irritou”, dizia ele, “mas ninguém pode impedir que eu veja minha namorada”. Depois disso contou que encontrou Richard Bent ao lado da porta do quarto de Alexander Dolton e que entrara no quarto para obter explicações. Contou que Alexander o havia expulsado de seu grupo – “porque eu não tenho o valor que ele pensava que eu tinha” – e que o proibiu de ir buscar Carol.

– Isso é verdade, Bent? – questionou Trusten.

Richard Bent ficou mudo por alguns segundos. Por fim, disse: – Eu fiquei fora do quarto, senhor Trusten. Não estava ouvindo a conversa – Michael sorriu ao ouvir isso.

Trusten então se voltou para Michael mais uma vez.

– Makoto, você está ciente de que não são permitidas lutas entre companheiros aqui na Fundação Levine do ambiente esportivo? Está ciente de que o que você deveria ter feito era procurar algum dos instrutores para que o caso fosse solucionado?

– Estou ciente de tudo isso, senhor – respondeu Michael e confirmou com um aceno de cabeça.

– Então porque não o fez assim?

Michael sorriu mais uma vez e, por fim, respondeu: – Porque já faz meses que eu suporto a arrogância e os caprichos de Alexander Dolton. E percebo também que o pai dele exerce muita influência na fundação e fazem muitas concessões... – As palavras de Michael não continham fúria nem ira, seus olhos não demonstravam nenhum rancor. Mas, é claro que o senhor vai entender, ele passou todos os limites quando pensou em me separar de Carol. Eu não me importo se ele falou isso brincando ou não, não faz diferença. Ele teve apenas o que mereceu.

– Você tem ideia do que significa tudo o que você está dizendo, Makoto? – perguntou Trusten.

– Perfeitamente, senhor. Posso repetir cada palavra se o senhor desejar. Não importa que punição eu vou sofrer, porque valeu a pena. Valeu a pena porque eu tenho certeza de que Dolton **jamais** vai tentar fazer isso de novo.

Fez-se silêncio. Um silêncio duradouro. Richard e até mesmo Brian estavam um pouco espantados com as palavras de Michael e a serenidade com a qual ele as enunciava. Não era mais um momento de ânimos exaltados, ele realmente queria dizer o que disse. Só Trusten manteve-se impassível, sem alterar nem mesmo um músculo de sua face diante dos comentários de Michael. Contudo, o silêncio perdurou e só foi quebrado quando alguém bateu na porta pedindo autorização para entrar e Trusten a concedeu.

– Sente-se, Dolton. É bom saber que já está bem. Quer nos contar o que aconteceu hoje?

Depois de sentar-se numa cadeira mais afastada de Michael e mais próxima de Richard, Alexander Dolton começou a falar. Sua aparência era totalmente diferente do comum, ele estava visivelmente abatido. Parecia tentar esconder, mas Michael percebeu que ele estava apoiando o braço esquerdo sobre a perna enquanto falava.

– Bem, senhor Trusten – começou Dolton –, eu estava no meu quarto quando Michael apareceu para falar comigo. Ele queria entrar na minha festa, mas ele não faz mais parte dos meus amigos, então não deixei. Ele ficou irado e me atacou.

– É só isso? – questionou Trusten.

– É o que há de importante para saber, senhor.

– Então não é verdade que você não concedeu entrada para ele na festa e não se prontificou a chamar Carol Adams para que ele pudesse falar-lhe?

– Bem, senhor, não é minha obrigação interromper a diversão de meus convidados – Dolton não parecia ter colocado o desdém em sua voz propositadamente, mas o fez de uma maneira ou de outra.

Pela primeira vez, e apenas por um rápido instante, Michael percebeu um leve sorriso no rosto de Neville Trusten.

– Claro – disse Trusten –, não é sua obrigação. Alguém tem algo mais a acrescentar? – Ninguém se pronunciou. Pois bem, eis como as coisas ficarão. Michael Makoto, você teve alguns motivos que podem ser levados em consideração, mas nada disso pode justificar o ataque ao seu companheiro. Alexander Dolton, você agiu com imprudência e cego pelo orgulho quando deveria ter pensado antes de agir, está tão errado quanto o Makoto. Quanto aos outros dois, deveriam ter feito algo diferente para impedir que a situação se agravasse em vez de concorrer para que tudo só caísse na discórdia total. Brian Makoto também teve algum motivo para atingir um outro companheiro e fazê-lo desmaiar, mas não é justificativa plausível.

Fez uma pausa e pensou um pouco. Depois de exatos 60 segundos de reflexão, acusados pelo relógio atrás de si, Neville Trusten continuou.

– Sir Ektor e Marinville não estão na fundação nesse momento para decidir uma punição para vocês, então eu decidirei agora. Sir Ektor pode alterar a decisão que eu tomar, mas por hora essa será a punição de vocês: os 4 terão de cumprir, até o fim do ano, todas as ordens que o encarregado da limpeza, o senhor Phillip, desejar lhes impor. Até o fim do ano, todos os 4 terão de cumprir todas as tarefas que lhes forem ordenadas por ele para manter a propriedade limpa e organizada. Além disso, Brian Makoto, se o rapaz Tom tiver necessidade de algum auxílio por conta do golpe que recebeu de sua espada de madeira, será sua responsabilidade cuidar disso.

Michael não estava ligando para nada disso, seu rosto era uma pedra de gelo. Embora prestasse atenção a tudo aquilo, não dava importância. O que era a limpeza da propriedade por alguns meses em comparação ao sabor de impor medo a Alexander Dolton? Richard e Brian estavam um pouco receosos – Brian com um adicional de vergonha –, nada mais. Alexander era o único que verdadeiramente ficou sobressaltado com a notícia.

– Sim, Dolton – continuou Trusten –, esse será seu novo trabalho. Acredito que isso vai ajudar o seu orgulho a encontrar um lugar melhor que não o seu coração. E mais, se um dos 4 se atrever a envolver-se em outra luta como essa, eu vou cuidar para que a próxima punição envolva um arrependimento sofrido. Vocês trabalharão juntos na limpeza e cooperarão entre si. Não brigarão mais. Assim que Sir Ektor confirmar minha decisão, eu vou anunciar a toda a fundação e será esse o momento em que deverão começar a obedecer as ordens dadas pelo senhor Phillip. Podem ir agora.

Os 4 jovens levantaram-se e dirigiram-se à porta, foi quando Neville Trusten falou novamente.

– Ah, Dolton, vou assegurar-me de que seu pai não tome nenhuma decisão quanto a essa punição. Makoto, eu quero falar com você a sós. Não os dois, apenas você, Michael.

Michael então tornou a sentar-se na mesma cadeira que sentara logo antes. Trusten ficou de pé de frente com o jovem. Quando os demais saíram, ele começou.

– Sabe, Michael Makoto, sua aura emitida não chega a mil. Acredito que seja algo em torno dos 730 – Michael continuou com a mesma expressão de quem não se importava com o que era dito. Sabe quanto de aura emitida tem o jovem Dolton?

– Acho que uns 1500, senhor – respondeu sem pensar muito.

– Exatamente! – sobressaltou-se Trusten. Ele tem 1500 de aura emitida. Pergunto-me como você conseguiu aplicar um soco para lançá-lo pela janela.

– Ele não consegue movimentar a aura pelo corpo tão bem quanto eu.

– É mesmo? Então você deve ser muito mais rápido que ele transferindo a aura pelo corpo. Isso explica o porquê dele ter ficado tão perplexo – Michael balançou a cabeça afirmativamente, agora começava a ter interesse pelo assunto. Mas sabe o que não consigo compreender, Makoto? – Michael fez que não com a cabeça. Eu não consigo compreender que sua velocidade em transferir a aura tenha sido tão grande, porque eu vi uma parte de sua luta contra Bent.

– Então minha transferência de aura pelo corpo é lenta, senhor?

– Não, não mesmo. É bem mais rápida que a de Bent, e ele é um dos lutadores mais hábeis da fundação. Você tem uma técnica interessante, Makoto, por isso consegue evitar os golpes críticos mantendo uma certa distância enquanto luta. Mas, veja bem, a aura emitida de Bent também gira em torno dos 1500. Bent quase não é mais rápido nos movimentos corporais que você ou o jovem Dolton. Na verdade, vocês três são tão rápidos quanto os outros nos movimentos corporais. Por que, então, você não conseguiu lançar Bent longe? Ele tem uma transferência de aura mais rápida que Dolton? Não que eu tenha percebido, e eu sou particularmente bom em observar coisas.

Michael não podia discordar da capacidade de observação de Trusten. Vendo Michael lutar uma vez, conseguiu captar a essência de seus movimentos. Michael pensou sobre o assunto por alguns instantes. Realmente não conseguia explicar a situação. Bent era até um pouco melhor que Dolton em quase tudo, mas não o suficiente para fazer uma grande diferença. Mesmo assim, Dolton não teve chance contra o ataque de Michael, enquanto Richard Bent estava o enfrentando arduamente, tanto que ameaçava vencer o duelo, se o mesmo fosse prolongado por muito mais tempo. Seria essa diferença devida ao fato de Dolton ter sido pego de surpresa? Não parecia provável, pois Dolton já esperava o ataque.

– Não sei dizer, senhor – respondeu Michael, por fim.

Neville Trusten o encarou por um momento. O homem estudou Michael por vários segundos, até que o rapaz começasse a se sentir perturbado com aquilo.

– Levante-se, Makoto – Michael levantou-se de imediato. Quero que você concentre toda sua aura em seu punho direito com a intenção de me atacar.

– Como disse, senhor? – questionou Michael, perplexo.

– Exatamente o que ouviu. Concentre toda a aura emitida no punho e me ataque.

– Mas senhor...

– Faça agora... – Neville Trusten passou a emitir mais aura por todo o corpo. Faça agora, antes que eu o ataque, rapaz – disse secamente.

Michael foi tomado por um sentimento de medo por alguns segundos. A figura ameaçadora daquele homem o fazia temer de verdade, como se ele não tivesse dúvidas de que Trusten o abateria em um segundo. Seu corpo reagiu antes que pudesse pensar mais e, em menos de um segundo, estava posto em posição de defesa, e sua aura começava a correr para concentrar-se em seu punho direito.

Trusten continuava ameaçador, mas não deixou de estudá-lo por um só momento. Michael levou 2 segundos para concentrar toda sua aura em sua mão direita. Ele percebeu que o havia feito, mas a sensação de estar sob ameaça não passou. Todos os sentidos de seu corpo lhe diziam para atacar aquele homem, ou ele seria destruído. Não se passou outro segundo antes que Michael tivesse avançado contra Neville Trusten sem pensar em qualquer outra coisa.

Michael não percebeu que seu golpe fora bloqueado até a dor afligir seu punho serrado. Neville Trusten segurava o punho direito de Michael com a mão esquerda e,

com uma força hercúlea, forçava todos os ossos da mão de Michael. O garoto recuou até quase encostar na parede atrás de si. Permaneceu apreensivo, mas Trusten não mais se moveu. De fato, Michael agora se sentia mais calmo. Neville Trusten agora não era mais ameaçador que qualquer um. Sua aura voltara ao normal e seu corpo não impunha mais qualquer temor.

– Você não percebeu o que aconteceu em sua mão? – disse Trusten calmamente, quebrando o gelo.

– O senhor estava quase esmagando ela – respondeu o garoto com voz de quem está sofrendo.

– Não me refiro a isso. Refiro-me, garoto, à aura que estava nela.

– Que tem minha aura? – questionou Michael com real dúvida.

– Você realmente não prestou atenção a isso? Havia algo em torno de 1300 de aura em sua mão direita no momento em que você me atacou, Makoto.

– Como 1300? Não consigo emitir mais de 760 de aura. Nunca consegui.

– Aparentemente, se você estiver sob uma certa pressão emocional, você consegue emitir muito mais aura.

– Isso é possível? – perguntou Michael com verdadeira surpresa na voz.

– Muitas coisas estranhas acontecem quando se trata da aura. Mas o fato é que isso é uma coisa estranha que acontece com você e nunca ouvi falar de ter acontecido a outra pessoa. É bom tratar de estudar o caso. Seu pai pode lhe ajudar com isso, tenho certeza. E agora eu já sei como você conseguiu lançar pela janela o jovem Dolton. Tudo graças a esse seu poder estranho. Meus parabéns. – Michael pensou ter visto um sincero cumprimento nas últimas palavras de Trusten.

Michael olhou de Trusten para sua mão, e de novo para Trusten. Lembrou-se, sem querer, de uma certa tábua.

– Posso ir embora, senhor? – perguntou Michael.

– Pode se retirar, meu jovem.

Michael Makoto não aguardou nenhum momento mais e saiu da sala. Não encontrou ninguém até chegar ao seu próprio quarto. Isso era bom para Michael, pois não desejou ver ninguém até que pudesse falar com seu pai. Deitou-se, pois, em sua cama, mas não conseguiu dormir.

O dia passou sem que Michael pudesse ter um segundo de paz em sua mente. Brian não apareceu no quarto. A noite havia chegado e passado. Antes mesmo que Michael se desse conta, um novo dia começou. Com os primeiros raios de sol que tocaram seu rosto, veio a consciência de que estava ali deitado sem descansar já há muitas horas. Seu pai não apareceu, seu estômago grunhia e ele precisava falar com Carol. Seus pensamentos estavam desordenados, mas arriscaria falar com ela mesmo assim. Ele precisava disso, talvez fosse o remédio que mais o ajudaria nessa situação.

Maldição de propriedade sem celulares!

Brian não havia se recolhido na noite que se passou. Não havia outro remédio para Michael que não ir em busca de Carol. Bateu na porta do quarto da garota, mas não houve resposta, e a porta estava trancada. Carol devia ter saído.

Michael saiu a sua procura. Antes que pudesse sair do restaurante, Michael foi bloqueado por uma dúzia de pessoas que desejavam saber o que tinha acontecido. Todos falavam ao mesmo tempo, mas Michael conseguiu discernir algumas coisas dentre todas as vozes. Assim, ele ficou sabendo que já havia sido dada a ordem por Sir Ektor e a punição fora confirmada, exatamente como Trusten a pronunciou. Ouviu dizer que houve uma pequena reunião entre os 5 maiores da Fundação Levine, e que o pai de Alexander tentara, sem sucesso, proteger o filho. Marinville, aparentemente, deu apoio a Dolton no início, mas acabou por apoiar a decisão de Trusten.

A multidão crescia, Michael já estava cercado por mais de 40 rostos, alguns até quase desconhecidos. Ele tentou forçar passagem, até que alguém lhe puxou pelo braço. Michael não impôs resistência alguma, pensava que poderia ser Carol. O engano foi notado quando ele percebeu que, na realidade, era Christian Levine quem o arrastava.

– Quero falar com você! – dizia ele enquanto seguia arrastando Michael em direção ao jardim principal.

A multidão não os seguiu. O nome Levine produzia um efeito suspensivo nos ânimos das pessoas que viviam na fundação. Michael pensou que eles não queriam incomodar o sobrinho de Sir Ektor. Afinal, se ele precisava estar sozinho com um Makoto, ainda mais depois do que aconteceu no dia anterior, deveria ter um bom motivo.

Michael, no entanto, discordava disso. Ele não queria ter conversa alguma com o jovem Levine. Já estava pronto a se libertar quando o outro rapaz o soltou e parou a meio caminho do jardim.

– Michael, nós não somos amigos – dizia ele, e Michael não emitiu resposta, nem mesmo com o rosto –, mas não é pra isso que quero lhe falar. Você está com a Carol, eu não posso mudar isso, mas entenda uma coisa: ela pertence a esse lugar. Você pode ir contra Dolton para que ela não fique do lado dele, mas não vai conseguir afastá-la da Fundação Levine.

Christian falava com uma voz notadamente angustiada. Michael percebeu isso. Foi esse o motivo que o fez continuar a conversa.

– E quem disse que eu quero afastar ela daqui? – respondeu Michael, com indiferença.

– Não brinque comigo, Michael. Eu não sou burro. Você não pertence a esse lugar, nenhum de vocês pertence. Não concordo com meu tio, nem com o senhor Marinville. Não vai demorar até que vocês vão embora. Depois de todos esses meses, vocês ainda não fazem parte desse lugar, são como estranhos – Michael tentou dizer alguma coisa, mas Christian não permitiu. Mas entenda! Entenda que Carol não é assim! Ela pertence a esse lugar, e isso não vai mudar, do mesmo jeito que não vai mudar o fato de que você não pertence!

Michael ficou em silêncio. As palavras de Christian estavam lhe provocando uma ira silenciosa. Não fosse o temor que as palavras de Trusten lhe causaram, Michael teria atacado Christian. Tudo o que fez, entretanto, foi falar.

– O que você quer? Pra quê eu preciso ouvir isso?

– Eu amo Carol – respondeu o jovem Levine. E acredite que eu realmente amo, pois a amo há anos. A amo tanto que preferi sofrer vendo ela nos seus braços, só porque ela estava feliz! – Christian não estava gritando, mas havia certa exaltação em sua voz. E acredite, Michael, não interessa o que você vai fazer com sua vida. Não me interessa por isso, mas se você tentar ir contra a Fundação Levine como foi contra o imbecil do Alex, você vai acabar se dando muito mal. Mas o que me preocupa é que nesse caso Carol vai sofrer, não interessa se você viver ou morrer, vai haver um motivo para ela sofrer em ambos os casos. Depois que você fizer isso, Carol vai sofrer. E eu não vou permitir isso. Entendeu?

Michael entendia tudo, e agora estava com a mente ainda mais cheia e confusa. Ele pensou o que faria com Carol quando ela soubesse que ele não pertencia à fundação, como dizia Christian. Carol amava aquele lugar, mas amava mais a Michael?

– Escute bem! – Christian disse isso agarrando o pulso de Michael. Escute muito bem, Michael! Se eu achar que você vai causar sofrimento para a Carol, eu te mato.

Aquilo tirou completamente a paciência de Michael. Uma ameaça digna de um filme de comédia romântica. Michael se livrou de Christian e seguiu para dentro do

jardim sem lhe dar mais atenção. Contudo, ameaça a parte, as palavras de Christian Levine faziam todo o sentido, e aquilo não era bom.

Michael entrou no salão principal do castelo. Para seu azar, deu de frente com Jonathan Dolton, que saía do escritório de Sir Ektor.

Dolton olhou para Michael com profunda atenção. Voltou-se para o rapaz e foi a seu encontro.

– Michael Makoto, que prazer eu tenho em vê-lo – disse com uma ironia dissimulada.

Michael manteve o silêncio profundo no qual se encontrava e não deu resposta àquela saudação.

– Conversei bastante com Sir Ektor. Parece-me que não tenho escolha senão aceitar que meu filho seja posto como serviçal da fundação até o fim do ano. Algum dia poderei lhe apresentar meus cumprimentos por esse favor prestado à minha família.

– Não é preciso, Jonathan – a voz de Satoshi Makoto vinha do escritório de Sir Ektor.

Michael logo viu que seu pai saía do mesmo cômodo que Dolton saiu segundos atrás. Era um colírio para os olhos do rapaz. Pela primeira vez em muitas horas, a paz veio ao coração de Michael.

– Não é preciso agradecer por nada, Jonathan – tornou a falar Satoshi.

– Ah, mas eu insisto, Satoshi – respondeu Dolton. Seu pequeno parece ter desfrutado tanto da singela brincadeira que partilhou com o meu filho, e partilhará ainda de muito mais até o fim do ano. Nada mais justo que eu lhe apresentar meus cumprimentos e, depois, lhe apresentar um agradecimento devido.

– Pelo contrário – disse Satoshi, com sua voz que era repleta de autoridade –, nada mais justo que você deixar as coisas como estão. Crianças brigam, Jonathan. Deixe as coisas como estão. Tudo já foi resolvido.

Os olhos de Jonathan Dolton apresentavam uma ira silenciosa que Michael percebeu facilmente. Ele não daria ouvidos a nada do que Satoshi Makoto falasse. Na verdade, ele não daria ouvidos a nada que ninguém pudesse lhe falar.

– Deixemos as preocupações com o futuro para o momento em que ele chegar, Makoto – disse Dolton. Tenho muito que fazer hoje, passem bem.

Dolton partiu sem nada mais dizer. Michael voltou-se para o pai em busca de socorro. Antes que falasse algo, Satoshi o advertiu.

– Aquele, Michael, é Jonathan Dolton. É um homem muito inteligente. Parece também ser alguém muito leal. Mas todos conhecem seu defeito: ele inunda o filho de um amor cego. Desde que a mãe de Alexander morreu, ele envolve o filho com tudo de bom que pode conseguir. Ele exagera! Sinceramente, todos podem perceber isso. É um caso de super proteção doentia que vemos em histórias e nos surpreendem quando os vemos na vida real. Sinceramente não entendo como Alexander não é um rapaz patético, pois seu pai inconscientemente fez de tudo para que isso acontecesse. Ele não trata as coisas com imparcialidade quando tocam em seu filho. Você mexeu com o filho dele e eu duvido que um dia ele esqueça isso. Tenho medo que ele faça algo contra você, Michael.

Satoshi olhava seu filho diretamente nos olhos. Michael percebia os sentimentos que passavam na mente e no coração de seu pai naquele instante. Ele realmente temia que aquele homem pudesse tentar algum tipo de vingança. Michael, no entanto, preocupava-se mais com a segurança de seu pai em lugar da própria. Teve vontade, portanto, de expressar esse sentimento, mas achou que faria melhor acalmando seu velho.

– Vou tomar mais cuidado, pai – disse Michael, com uma voz que tentava afagar ao que ouvia.

Satoshi sorriu ao ouvir essas palavras.

– Você realmente não conseguiu se comportar quando me ausentei, não é?

Michael corou.

– Ele teve a culpa, pai – disse o jovem. Ele tentou...

– Já conheço a história, Michael. Mas você deve entender algo que a maioria não consegue entender: na maioria das vezes não se trata de estar certo ou errado, trata-se de agir com razoabilidade. Muitas vezes o certo se torna errado simplesmente porque aquele que tem a razão agiu cedo demais, ou com empolgação demais... Seja como for, o segredo para se fazer mais amigos que inimigos está na razoabilidade. O certo e o errado são conceitos mais difíceis de serem definidos, mas o razoável é bem mais fácil de se enxergar.

Michael iria desculpar-se mais uma vez, mas Satoshi não lhe deu a chance.

– Escute, filho, muitas vezes você receberá conselhos ou ordens, sejam minhas ou de qualquer outro, e não seguirá nada do que se disser. Não é algo exclusivo de você. Acredito que todos devem fazer isso algumas vezes – Satoshi contemplou o vazio do salão e continuou a falar. Você sentirá que deve fazer outra coisa em lugar do que lhe foi dito. Sentirá que o certo é fazer o que sente.

– Não sei se foi o certo bater no Dolton. Também não sei se foi razoável ou errado – disse o garoto olhando para o pai, cujos olhos agora tornavam do salão vazio para o rosto do filho.

– Não se torture demais por causa disso. Está feito. Agora é preciso seguir adiante, lidando com os resultados e tentando melhorar sempre – Satoshi suspirou. Eu tenho uma experiência muito maior que a sua, por isso minhas previsões tem uma chance maior de se revelarem precisas. Mas nem toda a experiência do mundo pode garantir um acerto, filho. A verdade é que a única maneira infalível de se conhecer as consequências de nossas ações é esperar que elas aconteçam. Previsões podem falhar sempre.

O garoto parou por um momento e pensou um pouco. Logo perguntou ao pai:

– Está dizendo que devo agir por conta própria? Ignorar até as suas ordens, pai?

Satoshi gargalhou de maneira educada.

– Não, filho, não é isso. Eu estou dizendo que você deve pensar, e até sentir, antes de tomar uma decisão e até mesmo antes de obedecer uma ordem. Então agirá com uma certeza maior de ter um resultado melhor. E estou dizendo também que até mesmo uma decisão tomada no calor do momento ou desobedecendo a ordem recebida, mesmo essa decisão pode se mostrar mais benéfica. Não é fácil perceber as consequências de nossas ações, Michael. Geralmente só percebemos aquilo que está mais próximo.

– Então, o senhor acha que até a minha atitude contra o Dolton pode ter sido boa?

– Eu não sei bem, Michael. Mas sei bem uma coisa: existem mais coisas acontecendo neste instante do que você imagina. Talvez sua briguinha com Alexander tenha criado uma rixa perpétua, mas pode também ter criado, ao mesmo tempo, uma solução para outros problemas.

Enquanto falava isso, Satoshi parecia ter o rosto iluminado como o de alguém que acredita com todas as forças no que está dizendo. Mais que isso, como o rosto de alguém que recebe uma notícia reconfortante.

Michael Makoto podia entender muito de tudo o que o pai lhe falou. Ouviu cada palavra. Pensava nas consequências de seus próprios atos, a começar pelo momento em

que encontrou Joseph Marinville no Museu de História Natural. Agora estavam ali, naquela fundação, o lugar que poderia estar acabando com a vida de seu pai, e com a sua própria e de seu irmão também. Simultaneamente, era o lugar em que ele tinha a coisa que mais amava, Carol Adams. Desejava se ver livre da Fundação Levine, mas temia, de todo o coração e alma, que pudesse perder Carol. O que ele podia fazer para resolver esse problema? Qual a decisão certa a tomar?

Talvez eu só entenda depois das consequências já estarem acontecendo.

Na conversa do dia anterior, Michael não conseguiu falar diretamente do seu temor com Carol. Ele não conseguiu falar com ela sobre a conversa que tivera com Sir Ektor. Temia que ela ficasse desgostosa com a ideia de que a Fundação Levine é um antro de criminosos e que ela também, por associação, seria uma. Como Michael poderia falar algo assim para ela? Fosse como fosse, um dia ele precisaria fazer algo a respeito. Não poderia adiar muito.

Quando pensou em deixar o pai para encontrar sua amada, lembrou-se de seu estranho poder, que foi percebido por Neville Trusten, e do quanto precisava entender as preocupações que corroíam a mente de Satoshi Makoto.

Michael não tinha um grande problema, tinha vários problemas grandes que não sabia como resolver. Decidiu, por fim, encontrar Carol depois. Agora falaria com seu pai. A conversa levou horas. Nas primeiras dessas horas, Michael não conseguiu manter o foco. As palavras de Sir Ektor e de Christian estavam lhe nublando a mente. No entanto, com o passar do tempo, as palavras de seu pai lhe enchiam de novo ânimo. Satoshi Makoto detinha o estranho dom de, com suas palavras, deitar sobre o aflito um bálsamo incrivelmente eficaz.

Michael agora começava a recobrar um pouco da paz que havia perdido. Estava mais forte e animado para esperar pelo futuro e ver os resultados de suas decisões.